



DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA PELO JORNALISMO CIENTÍFICO: um olhar a partir das pesquisas publicadas na Intercom

Eixo temático: Gestão e Políticas da Informação
Modalidade: Apresentação Oral

Marina Muniz Mendes
João de Melo Maricato

1 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Em seu processo evolutivo, a ciência e sua comunicação passaram por diversas formas e meios de difusão. A divulgação das ciências, na Europa do século XVIII, ocorria, principalmente, em anfiteatros, onde o público conhecia novas máquinas e acompanhava demonstrações de fenômenos, em especial pneumáticos, elétricos e mecânicos. As exposições e palestras percorriam cidades e países, “eram verdadeiros shows científicos, aparentemente bem ao estilo de muitas atividades de divulgação científica atuais” (SILVA, 2006, p. 54).

No século XIX, a divulgação das ciências deu um salto, por meio do primeiro livro ilustrado com fotografias a ser distribuído comercialmente. *The Pencil on Nature*, de 1844, do cientista, escritor e pioneiro da fotografia, William Henri Fox-Talbot (1800 – 1877), foi ilustrado com fotografias originais coladas às páginas.

O século XX é considerado o século das ciências. As rotogravuras permitiram impressões fotomecânicas de qualidade, em uma variedade de papéis de baixo custo e com alta velocidade de impressão. Isso permitiu que a imprensa ganhasse mais força, bem como que os suportes de divulgação científica fossem ampliados. O tripé ensino, pesquisa e extensão conquistou grande força em todo o mundo.

O diferencial do século XXI é que as novas tecnologias de informação e comunicação ampliam a divulgação das ciências. Atualmente, a divulgação das ciências pode ocorrer na forma de textos escritos, como ser oral, visual ou audiovisual. Os suportes são variados.

Bueno (1985, p. 1421) diferencia conceitos na área da divulgação da ciência, em relação ao público-alvo da publicação, através dos termos: difusão, disseminação e divulgação. A categoria de difusão científica refere-se a todo processo ou recurso utilizado para comunicar informações científicas ou tecnológicas e abarca os outros dois conceitos. Se a fonte receptora consistir em especialistas, recebe o nome de disseminação, e quando é dirigida ao público em



geral, denomina-se divulgação científica¹.

A disseminação científica é a “transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em códigos especializados, a um público seletivo, formado por especialistas” (BUENO, 1985, p. 1421). Congressos são exemplos notáveis de disseminação científica, bem como as revistas científicas, pesquisas ou ensaios apresentados em eventos científicos.

A divulgação científica compreende a “utilização de recursos, técnicas e processos para veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral” (Bueno, 1985, p. 1421). Para tanto, a linguagem deve ser, facilmente, assimilável. Os meios de divulgação científica são variados: livros didáticos, folhetos de conscientização, portais especializados, documentários, programas especiais de rádio e televisão, jornalismo científico, entre outros.

Nesse destaca-se o jornalismo científico, em que a interlocução não ocorre entre cientista e cientista ou entre cientista e não cientista, mas entre o jornalista e um público diverso. A intenção é evitar que o conhecimento seja sinônimo de poder e dominação, facilitando o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a temática jornalismo científico a partir da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), que estimula o desenvolvimento da produção científica no país. A Intercom é uma instituição sem fins lucrativos criada, em São Paulo, em 1977, preocupada com o compartilhamento de pesquisas e informações de forma interdisciplinar.

2 JORNALISMO CIENTÍFICO

Divulgação científica e jornalismo científico não são sinônimos. O jornalismo científico implica na atuação em conformidade com os princípios do jornalismo, bem como nas suas rotinas de produção. É um produto elaborado a partir das regras rotineiras do jornalismo, tratando especialmente de ciência e tecnologia². Neste

¹ A divulgação científica é conhecida nos Estados Unidos como *Science Popularization* (popularização da ciência) e na França como *Vulgarization Scientifique* (vulgarização científica).

² A *American Association for the Advancement of Science*, organização internacional sem fins lucrativos, que promove a cooperação entre os cientistas e defende a educação científica, divide 24 seções de interesse da divulgação científica: agricultura, antropologia, astronomia, ciência atmosférica, ciência biológica, química, odontologia, educação, engenharia, geologia e geografia,



âmbito, três conceitos são cruciais para unir o jornalismo e o jornalismo científico: noticiabilidade, *newsmaking* e agenciamento.

A noticiabilidade refere-se ao conjunto de requisitos e critérios necessários para que um fato transforme-se em um acontecimento, ou seja, para que um ocorrido vire relato noticioso. Entre os critérios de noticiabilidade, Nery & Temer (2004, p. 67 – 68) destacam: relevância do acontecimento, valores notícias, utilização das fontes, composição do noticiário e rigidez da organização de trabalho.

O *newsmaking* está, intimamente, ligado ao conceito de noticiabilidade, dizendo respeito ao fazer notícias, estando presente nas rotinas de produção jornalística e, conseqüentemente, também no jornalismo científico. O *newsmaking* articula a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e dos processos produtivos.

Na linha final do processo de construção, transmissão e recepção de informação, o receptor reflete sobre os temas apresentados a ele. Assim, o poder do agenciamento reflete a existência de poderes responsáveis pela produção e transmissão de sentidos. *Agenda-setting* trata da capacidade dos meios de comunicação para evidenciar determinado assunto.

3 METODOLOGIA

O *corpus* deste trabalho consiste nos anais dos congressos nacionais da Intercom, nos últimos cinco anos (2009 a 2013). Na Intercom existem duas Divisões de Trabalho que podem englobar o jornalismo científico, a Divisão de Trabalho Jornalismo e a Interfaces da Comunicação.

Para a Divisão de Trabalho Jornalismo foram considerados seus cinco Grupos de Pesquisa: Gêneros Jornalísticos, História do Jornalismo, Jornalismo Impresso, Teoria do Jornalismo e Telejornalismo. Dentro da Divisão de Trabalho Interfaces da Comunicação foram encontradas ocorrências sobre jornalismo científico apenas no Grupo de Pesquisa Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade.

O recorte para a seleção de artigos envolvendo jornalismo científico não considerou apenas títulos e resumos, mas todo o corpo do artigo para encontrar,

história da ciência e filosofia da ciência, tecnologia, ciência da computação, linguística, matemática, ciência médica, neurociência, ciência farmacêutica, física, psicologia, ciências sociais, ciências políticas e estatística.

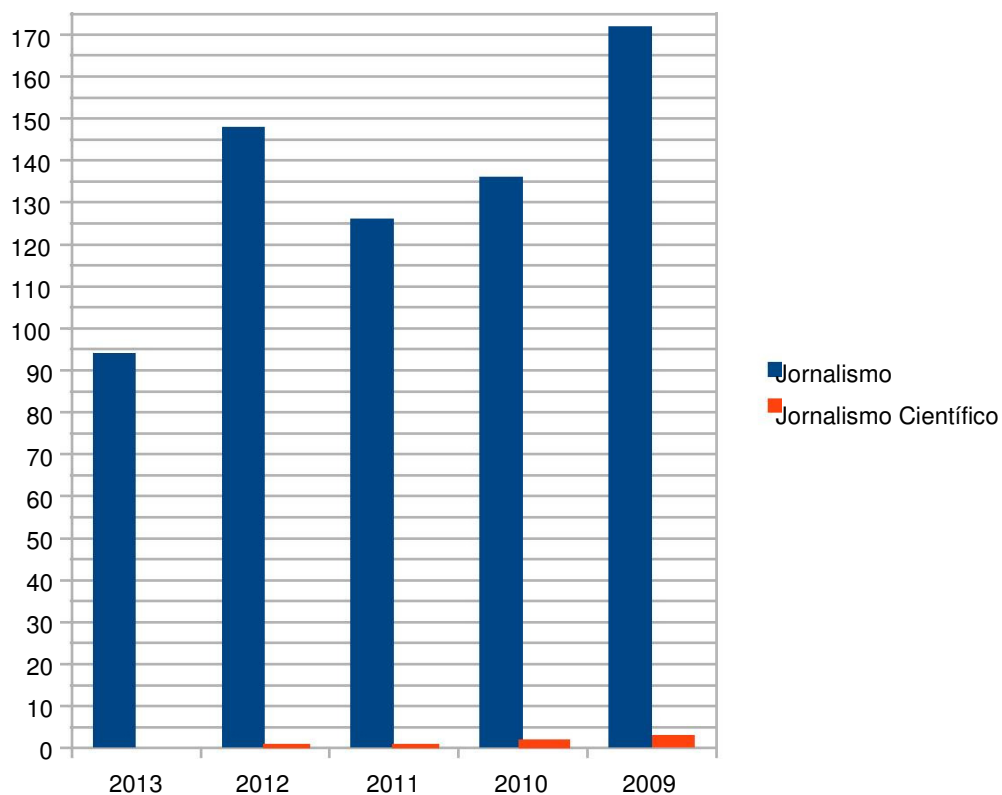


primeiramente, a ocorrência da palavra jornalismo científico. Não foram considerados artigos que expunham a existência do jornalismo científico somente nas referências bibliográficas ou na titulação dos pesquisadores.

4 PESQUISAS EM JORNALISMO CIENTÍFICO

Com a análise dos dados, observou-se que na Divisão de Trabalho Jornalismo, há um pequeno número de artigos envolvendo jornalismo científico. Em um total de 673 artigos, apenas 7 apontam a existência do jornalismo científico, isso representa 1%. Há, respectivamente, a seguinte relação entre artigos sobre jornalismo e artigos sobre jornalismo científico: 94 e 0 (2013); 148 e 1 (2012); 126 e 1 (2011); 136 e 2 (2010); 172 e 3 (2009).

Gráfico 1 – DT Jornalismo

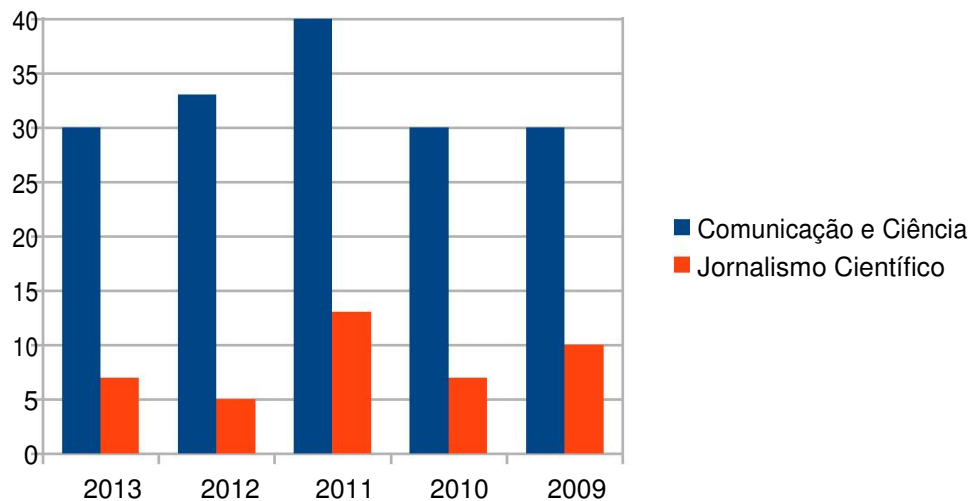


Considerando o Grupo de Pesquisa Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, de um total de 166 artigos, 42 debatem o jornalismo científico, isso representa 25%. Esmiuçando as ocorrências temos, respectivamente, a seguinte relação entre artigos totais e artigos sobre jornalismo científico: 30 e 7 (2013); 33 e 5



(2012); 40 e 13 (2011); 30 e 7 (2010); 30 e 10 (2009).

Gráfico 2 – GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade



No GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade há seis vezes mais trabalhos envolvendo jornalismo científico do que em todo o DT Jornalismo. No DT Jornalismo, a tônica dos trabalhos avaliados era citar pontualmente o jornalismo científico. No GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, o jornalismo científico é abordado com mais profundidade.

Considerando tanto o DT Jornalismo quanto o GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade foram selecionados, de forma aleatória, 35 artigos que abordam o jornalismo científico, para mapear as universidades e regiões mais interessadas no jornalismo científico, temáticas mais abordadas e metodologias de pesquisa utilizadas.

Os estudos foram realizados em universidades de todas as regiões do Brasil, mas com predomínio no Sudeste, seguido com grande distância da região Norte, Nordeste, Sul e por último o Centro-Oeste. Em pesquisas realizadas, em conjunto, por pesquisadores de universidades diferentes, foram consideradas ambas universidades; logo, o número de universidades é maior que o número de artigos selecionados.

Na região Sudeste, o número de pesquisas e universidades foi o seguinte: Universidade Estadual Paulista (7), Universidade de São Paulo (3), Universidade Estadual de Campinas (3), Universidade Metodista de São Paulo (2), Universidade Federal de São Carlos (1), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1), Universidade Municipal de São Caetano do Sul (1) e Fundação Getúlio Vargas (1).

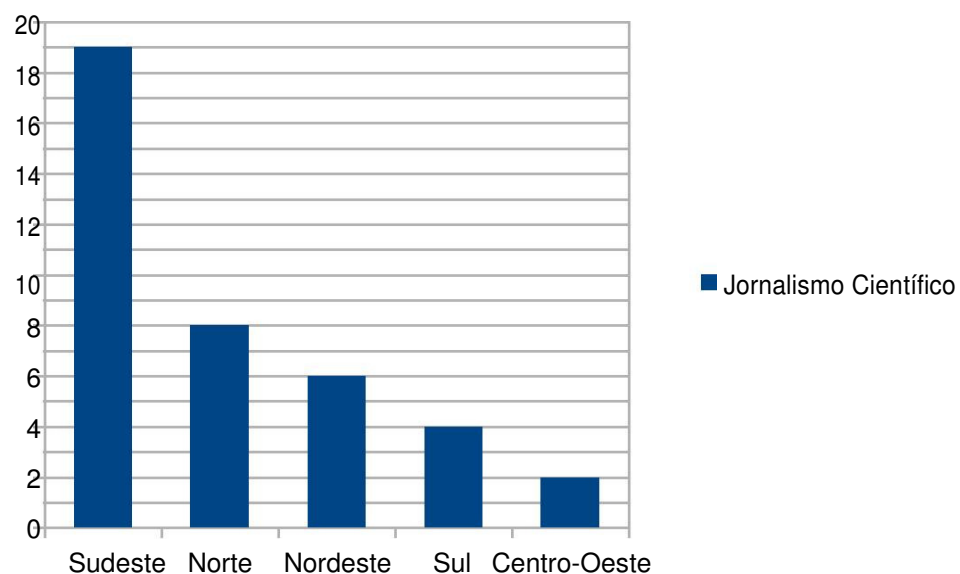


Na região Norte, a ocorrência foi a seguinte: Universidade Federal do Amazonas (2), Universidade Federal do Maranhão (1), Instituto Federal do Maranhão (1), Universidade Federal do Pará (1), Uninorte (2) e Faculdade Martha Falcão (1).

No Nordeste: Universidade Federal da Bahia (1), Universidade Federal de Campina Grande (1), Universidade Federal da Paraíba (1), Universidade Estadual da Paraíba (1), Universidade Federal de Pernambuco (1) e Universidade Federal de Sergipe (1).

No Sul: Universidade Federal de Santa Maria (2), Universidade Federal do Rio Grande (1) e Universidade de Caxias do Sul (1). O Centro-Oeste contou com duas pesquisas, ambas na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

Gráfico 3 – Mapeamento das regiões que estudam jornalismo científico



Artigos também foram realizados pela Fundação Oswaldo Cruz, Fundações de Amparo à Pesquisa e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), não se restringindo a universidades, entretanto, esses não foram contabilizados para criação das estatísticas.

A temática mais abordada nos artigos foi ciência e tecnologia (40%), seguida de ciência e saúde (34,2%), agricultura (8,5%), e outros (17,1%). Sobre os suportes estudados, o impresso é o mais relevante com 13 pesquisas, seguido pela Internet com 6, telejornais 4 e rádio com uma pesquisa.



5 CONSIDERAÇÕES

O mapeamento não constatou um aumento no número de estudos sobre jornalismo científico. Pelo contrário, há uma sinalização de diminuição. Isso em meio à necessidade de atenção e observação mais apuradas em relação ao gênero.

A região Sudeste apresenta maior aglomeração de tecnopolos, no Brasil, isso pode explicar uma preocupação com o jornalismo científico nesta região. Entretanto, os estudos estão concentrados em São Paulo.

Há indícios de uma carência em estudos sobre jornalismo científico na região Centro-Oeste. A região tem relevância nacional no âmbito da agricultura, temática que, inclusive, está contida nas seções de interesse abordadas pela *American Association for the Advancement of Science*. Entretanto, no Centro-Oeste não foram encontradas pesquisas de jornalismo científico que abarquem o tema agricultura.

Nota-se também que, em todo o Brasil, apenas quatro universidades privadas, dentro de um total de 24 universidades analisadas, pesquisaram sobre jornalismo científico. As pesquisas sobre a temática estão polarizadas nas instituições públicas.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson. Jornalismo científico: conceito e funções. **Ciência e Cultura (SBPC)**, v. 37, n. 09, p. 1240-1247, 1985.

NERY, Vanda; TEMER, Ana Carolina. **Para entender as teorias da comunicação**. Uberlândia: Edufu, 2009.

SILVA, Henrique César. O que é divulgação científica. **Revista Ciência & Ensino**, v. 1, n. 1, 2006.